Página 8 — Jornal da USP

Aluno das Ciências Sociais não é mais aquele

Pesquisa mostra que diminui o interesse pelo curso. Será que as Ciências Sociais não fazem mais a cabeça de ninguém como no tempo da ditadura? Muitos se queixam de que há muita teoria e nenhuma profissionalização. ***Por Marcos Gomes***

Fotos: Francisco Emolo/Agência USP

Luís Antônio: " A crise é mundial" .

Virgínia: " É preciso orientar empresas" .

Jacqueline e Renato: " Pesquisa não é científica" .

Crise nas Ciências Sociais? Um estudo do Nupes (Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior) revelou que quase metade dos matriculados (42,5%) abandonam o curso ainda no primeiro semestre e só 25% chegam a concluí-lo. A maioria dos alunos também não dá importância às notas, pretende terminar o curso num tempo maior que o normal e reclama que é dada muita ênfase à "teoria" e que o curso não prepara para uma atividade profissional. Muitos afirmam que um dos principais atrativos das Ciências Sociais são a menor concorrência no vestibular, o fato de a USP ser gratuita, ter prestígio e oferecer cursos noturnos.

Esse trabalho, dirigido pelo professor Simon Schwartzman, faz parte do projeto "A Trajetória Acadêmica e Profissional dos Alunos da USP", que se iniciou em 1991, quando foram feitas 3 mil entrevistas com alunos de primeiro ano e também com pós-graduandos e formados dos últimos dez anos, em quatro grandes áreas da Universidade — Engenharia Elétrica, Física, Pedagogia e Ciências Sociais.

"A procura pelo curso de Ciências Sociais está diminuindo — não só na USP, mas também em outros centros de ensino, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), que este ano encerrou as inscrições para o curso", constata Schwartzman. Ele atribui a perda de prestígio do curso à diminuição da motivação política de transformar a sociedade, que dava às Ciências Sociais um ar de guardiãs da liberdade de pensamento nos anos de ditadura. "Afinal, foi esse curso que fez a cabeça de gente como o senador Fernando Henrique Cardoso e o deputado federal Florestan Fernandes."

Perfil dos alunos

Simon Schwartzman revela que alguns professores com quem foi discutido o trabalho sobre as Ciências Sociais atribuem a pretensa falta de empenho dos alunos ao fato de o curso ter envelhecido. "Estamos ensinando a cartilha dos 'três porquinhos' da Sociologia — Marx, Durkheim e Weber — do mesmo jeito que nós a aprendemos, sem nenhuma mudança de metodologia", constatou a professora Maria Hermínia, por exemplo.

"Mas os próprios docentes também chamaram a atenção para as características do curso", pondera Simon Schwartzman. "Ele não garante um emprego na área para os recém-formados, como a Medicina ou a Engenharia. Por isso os índices de evasão provavelmente sempre foram altos — e devem se aproximar dos de outros cursos 'teóricos', como a Física, que pode ser considerada a 'Ciências Sociais' das Exatas." E houve também quem questionasse a própria pesquisa do Nupes: "Acho precipitado tirar conclusões a partir de um só estudo, cuja metodologia não está muito clara", preocupou-se a professora Luíza Martins.

Classes diferentes

As tabulações revelaram grandes diferenças na proporção de mulheres e nas faixas etárias nos cursos diurno e noturno. De dia, 76,1% dos alunos são mulheres, índice que cai para 40,3% à noite. Da mesma forma, a média de idade dos ingressantes no curso diurno é de 21 anos, enquanto no noturno gira em torno dos 24 anos. As classes sociais também são diferentes, como revela o fato de 83,1% dos alunos do diurno serem sustentados pelos pais e 64,5% dos do noturno trabalharem para manter-se.

A idéia de que a possibilidade de ampliar a cultura geral e o desenvolvimento intelectual motivou as pessoas a ingressarem no curso (77% das respostas do diurno e 61% do noturno) é reforçada pelo fato de 18,3% do total de formados ter outro diploma, além do de Ciências Sociais, e mais de 50% do total de ingressantes estar fazendo outro curso simultaneamente.

Mas essas informações contrastam com o fato de os ingressantes não conhecerem os professores pelo nome, não saberem que matérias irão estudar nem as carreiras oferecidas (índices superiores a 60% tanto no diurno como no noturno). "Apesar da boa fama do curso, os alunos parecem vir para ele preparados para uma 'estratégia frouxa', em que eles investem pouco sabendo que ganharão pouco no final", analisa o professor Simon. "É o contrário dos cursos onde o custo do ingresso é mais alto e os objetivos profissionais são muito mais definidos, como as engenharias, por exemplo."

Mudanças no curso

Apenas 25% dos entrevistados acham que o curso os prepara para o mercado de trabalho e muitos se queixam do pouco apoio da Universidade para a profissionalização dos alunos. Os formados se dispersam numa grande variedade de atividades profissionais, com a maioria (43,58%) desempenhando cargos públicos: 4,67% no governo federal, 30,35% no governo estadual ou municipal e 8,56% em empresas públicas de economia mista. A atividade no magistério predomina (22%).

Com base nos dados, o professor Schwartzman traçou quatro perfis diferentes de alunos: os que fazem o curso para complementar outros cursos e interesses; os que seguem carreira acadêmica na área (pesquisa e pós-graduação); os que fazem o curso para se qualificar num mercado de trabalho que exige senso crítico; e os que cursam Ciências Sociais enquanto esperam outra oportunidade mais adequada para eles.

Diante desses perfis e da crise enfrentada pela área, Schwartzman sugere uma modificação nas Ciências Sociais, que poderiam oferecer três alternativas aos alunos. Um curso de formação científica e acadêmica mais restrito, que exigisse dedicação integral de pequenos grupos de alunos, com mecanismos bem definidos de desligamento dos que não conseguirem acompanhar o programa. Um curso voltado para os que não pretendem se profissionalizar em Ciências Sociais feito através de módulos, cujo conjunto permite obter o título de bacharel, mas que podem ser estudados em parte por interessados em assuntos específicos, como cursos de extensão. E um curso profissionalizante, voltado para necessidades específicas do mercado de trabalho, como administração e gerência, com exigências semelhantes ao primeiro.

Estudantes rejeitam conclusões da pesquisa

A pesquisa do professor Simon não é científica. Ela dá um ar científico a uma idéia pré-estabelecida, pois as conclusões a que chegou coincidem com as idéias que tinha antes de iniciar o trabalho, critica Jacqueline Sinhoretto, aluna do segundo ano de Ciências Sociais. Ela questiona também a diminuição da procura pelo curso na USP: "Na verdade o que mudou foram os critérios da Fuvest, que há dois anos estabelecia uma cota de três alunos por vaga e agora passou para quatro por vaga". Mas ela também acha que existe uma crise. "Só que é uma crise do ensino superior como um todo, uma crise de massificação que não se restringe às Ciências Sociais. Alguma coisa precisa ser feita, mas não dá para fechar uma proposta de reformulação com base nos critérios de uma única pessoa."

Jacqueline entende que uma das causas da crise é o fato de as faculdades formarem mais pessoas que o mercado comporta — em todas as áreas. Mas prevê que o curso de Ciências Sociais começará a ser revalorizado: "Noto que, nos países do Primeiro Mundo, começa a se manifestar uma tendência de superação da especialização exagerada. As pessoas agora estão começando a fazer rodízios e alternando funções".

Renato de Lima, também estudante do segundo ano, concorda com ela: "As Ciências Sociais estão mais aparelhadas para sair dessa crise geral, pois seu instrumental crítico lhes permite olhar para si próprias e encontrar saídas. A pessoa faz Ciências Sociais porque gosta; se fosse só para conseguir diploma, poderia fazer cursos mais fáceis, como Letras, por exemplo". Ele acha que deve haver reformulação curricular, mas sem elitizar o curso. "Existem pessoas que não têm condições de estudar o dia todo — e para elas seria necessário um esquema de bolsas de estudo."

Crise de paradigmas

Outro aluno, Luís Antônio de Araújo, que faz parte da diretoria do CA das Ciências Sociais, o Ceupes (Centro Universitário de Pesquisa e Estudos Sociais), aponta uma crise de paradigmas: "Com a queda do muro de Berlim, as correntes filosóficas que alimentavam as Ciências Sociais mostraram que não fornecem verdades definitivas." Ele vê a crise das Ciências Sociais como um fenômeno mundial: "É uma crise das Ciências Humanas, que estão sendo menos solicitadas que as Exatas e as atividades técnicas, como a Informática, com mais aplicativos a curto prazo". Segundo ele, os cursos teóricos, como o de Ciências Sociais, não contam com o apoio da família e dos amigos de quem os segue. "Um jovem alemão me disse que, em seu país, as pessoas aconselham a tirar registro de taxista aos estudantes de Ciências Sociais, porque terão dificuldade de conseguir emprego."

Especialização do saber

Para Luís, a crise das Ciências Humanas reflete uma crise do Humanismo, "que tem a ver com o alto grau de especialização do saber e da tecnologia". Mas ele acha que o papel dos cientistas sociais é mais importante do que nunca. "As Ciências Sociais se voltam para o objetivo maior de qualquer ciência, que é a melhoria das condições de vida da humanidade."

Já a estudante Virgínia Canedo, que também faz parte do Ceupes, acha que a falta de oferta de emprego para os cientistas sociais decorre do desconhecimento das empresas, "que não sabem utilizar esse tipo de cientista: Nosso curso nos dá uma visão ampla da sociedade, e isso é muito útil. Conheço um cientista social que trabalha em agência de publicidade. Vejo um bom mercado para os cientistas sociais nos setores administrativos das empresas e nos departamentos de pessoal. Mas hoje em dia nós só fazemos estágio em órgãos públicos".